

Do feudalismo para o capitalismo

Maurice Dobb

Concordo quase inteiramente com o interessante tratamento dado por Eric Hobsbawm à grande variedade de formas de feudalismo e com sua conclusão de que "a transição do feudalismo para o capitalismo é um processo longo que nada tem de uniforme". Creio que ele está muito certo em levantar dúvidas quanto ao acerto de se "falar de uma tendência *universal* do feudalismo em transformar-se em capitalismo", qualquer que seja a resposta correta a que se possa chegar; também está certo em enfatizar, e isso é importante, que o desenvolvimento do capitalismo nos países mais adiantados, como a Grã-Bretanha, serviu para atrasar o de outras partes do mundo, e isso não *apenas* na época do imperialismo.

Somente gostaria de comentar um único ponto que ele toca de leve mas não aprofunda, a saber, a natureza da contradição essencial da sociedade feudal e do papel por ela desempenhado na geração das relações burguesas de produção. A questão é bastante simples, e será bem conhecida dos que acompanharam nos primeiros anos da década de 1950, em *Science and Society*, o debate a que ele se refere. Creio, porém, que é uma questão decisiva, e por isso não pedirei escusas por abordá-la mais uma vez. Se não partirmos dela, creio que não conseguiremos pensar com clareza sobre os importantes problemas suscitados pelo trabalho de Hobsbawm.

O conflito básico

Se nos indagarmos qual foi o conflito básico gerado pelo modo feudal de produção, parece-me que teremos apenas uma resposta. Fundamentalmente, o modo de produção no feudalismo foi o pequeno modo de produção — levado a cabo por pequenos produtores ligados à terra e aos seus instrumentos de produção. A relação social básica assentava-se sobre a extração do produto excedente desse pequeno modo de produção pela classe dominante feudal — uma relação de exploração alicerçada por vários métodos de "coação extra-econômica". A forma precisa pela qual o produto excedente era tomado podia variar de acordo com aqueles diferentes tipos de renda feudal definidos por Marx no volume III de *O*

Capital (renda-trabalho, renda-produto ou renda em espécie, renda-dinheiro, que ainda pode ser uma renda feudal, embora de uma "forma em dissolução"): "esta é uma falta de liberdade", escreveu Marx, "que pode evoluir da servidão com trabalho compulsório até o ponto de uma simples relação tributária". Sei muito pouco a respeito das diferentes formas de feudalismo em diversas partes do mundo; acredito, porém, estar certo em dizer que as diferenças sobre as quais Eric Hobsbawm fala com enciclopédica erudição se referem em geral a distintas formas *de extração* do produto excedente. Assim, na Europa ocidental predominou a renda-trabalho, sob a forma de prestação direta de serviços na propriedade de um senhor, pelo menos em alguns séculos¹ (como também na Europa oriental depois da "segunda servidão"); todavia, mais para o Leste, na Ásia, parece-me ter predominado uma forma tributária de exação. "A forma econômica específica pela qual o trabalho excedente não pago é extraído dos produtores diretos determina a relação dos dominadores e dos dominados".

Segue-se daí que esse conflito básico deve ter existido entre os produtores diretos e seus suseranos feudais que extraíam seu tempo-trabalho excedente ou seu produto excedente por meio do direito feudal ou do poder feudal. Esse conflito, ao irromper em antagonismo aberto, expressou-se em revolta camponesa (individual ou coletiva, por exemplo, na fuga da terra ou em ação ou força ilegal organizada), que Rodney Hilton demonstrou ter sido endêmica na Inglaterra nos séculos XIII e XIV.² Foi essa a luta de classe crucial no feudalismo, e *não* qualquer choque direto de elementos urbanos burgueses (comerciantes) com senhores feudais. Este último ocorreu, naturalmente (como o testemunha a luta das comunidades urbanas pela autonomia política e o controle dos mercados locais). Todavia, os comerciantes burgueses, na medida em que eram apenas comerciantes e intermediários, viviam em geral como parasitas do feudalismo e tendiam à conciliação com o mesmo; em muitos casos, eram verdadeiros aliados da aristocracia feudal. De qualquer maneira, creio que este antagonismo permaneceu *secundário*, pelo menos até uma etapa muito mais tardia.

Se está certo o que eu disse até agora, então é sobre essa *revolta entre os pequenos produtores* que devemos concentrar nossa atenção na procura da explicação do colapso e declínio da exploração feudal, em vez de em conceitos vagos como "a expansão do mercado" ou "a ascensão da economia monetária", e

menos ainda no desafio direto das grandes manufaturas capitalistas enfatizadas no trabalho de Kuusinen (p.161-2).

A gênese do capitalismo

Qual a ligação existente entre a revolta dos pequenos produtores e a gênese do capitalismo? A revolta camponesa contra o feudalismo, mesmo se bem sucedida, não implica o aparecimento simultâneo de relações burguesas de produção. Em outras palavras, o elo entre elas não é direto, mas *indireto*, o que explica, creio eu, a razão por que a dissolução do feudalismo e a transição tendem a ser demoradas, e por que o processo às vezes se interrompe (como no caso da Itália, mencionado por Eric Hobsbawm, e também da Holanda, com as primeiras relações burguesas de produção já nos séculos XIII e XIV, embora numa forma ainda muito elementar). É verdade, e merece ser acentuado, que "a transição do feudalismo para o capitalismo não é um processo simples mediante o qual os elementos capitalistas no interior do feudalismo vão fortalecendo-se até estarem bastante vigorosos para romper a casca feudal". (E. H.)

A meu ver, é esta a conexão. Na medida em que os pequenos produtores conseguiam emancipação parcial da exploração feudal — talvez no começo um mero abrandamento (como a transição da renda-trabalho para renda-dinheiro) — eles podiam guardar para si mesmos uma parte do produto excedente. Assim obtinham os meios e a motivação para melhorar o cultivo e ampliá-lo a áreas novas, o que incidentalmente serviu para aguçar mais ainda o antagonismo contra as restrições feudais. Assim se lançaram também as bases para alguma *acumulação de capital no interior do próprio pequeno modo de produção*, e portanto para o começo de um processo de *diferenciação de classes no interior da economia de pequenos produtores* — o conhecido processo, presenciado em várias épocas em lugares muito espalhados do mundo, no sentido da formação, por um lado, de uma camada superior de agricultores progressistas relativamente abastados (os *kulaks* da tradição russa) e, por outro, de uma camada de camponeses arruinados. Essa polarização social na aldeia (e, de maneira similar, nos artesanatos urbanos) preparou o caminho para a produção assalariada e, em decorrência, para as relações burguesas de produção.

Foi assim que se formou o embrião das relações burguesas de produção no seio da antiga sociedade. O processo, porém, não amadureceu imediatamente. Levou tempo: na Inglaterra, alguns séculos. Nesse sentido, convém lembrar que, ao se referir à transição para o capitalismo e ao papel do capital mercantil, Marx falou da ascensão dos capitalistas oriundos das fileiras dos produtores como "a via realmente revolucionária" de transição. Quando a mudança para os métodos burgueses de produção se inicia "de cima", então o processo tende a interromper-se, e o velho modo de produção é conservado, ao invés de suplantado.

Desenvolvimento desigual

Exposto de maneira sumária como o fiz, isso tudo pode parecer abstrato e esquemático — ao menos, supersimplificado. Creio, porém, que serve para chamar atenção para certos fatores, quando se procura uma explicação para o desenvolvimento desigual e as diferenças na escala temporal do processo, pontos esses ressaltados por Eric Hobsbawm. Em primeiro lugar, ao passo que a intensidade do descontentamento dos camponeses pode ser afetada pela *forma* assumida pela exação feudal, também o êxito da revolta camponesa pode ser influenciado pela disponibilidade de novas terras e a presença de cidades agindo como ímãs e refúgios para camponeses fugidos do campo, provocando assim escassez de mão-de-obra nas propriedades feudais (escassez essa que certamente se encontra subjacente à crise feudal dos séculos XIV e XV). É ainda mais evidente que a potência militar e política dos senhores feudais determinara sua capacidade para reprimir revoltas e reabastecer as reservas de mão-de-obra, se necessário, por novas exações e pela sujeição de camponeses anteriormente livres (como na reação que teve lugar na Europa oriental). A freqüência das guerras feudais também pode ter sido um fator de intensificação do conflito e da revolta, devido à necessidade de receitas feudais maiores, e portanto de maiores exações sobre os produtores.

Quando chegamos às relações burguesas no seio do pequeno modo de produção, é óbvio que as oportunidades para o seu desabrochar serão afetadas pela presença de mercados representados por cidades ou rotas de comércio inter-regional. Nesse caso, o fator-mercado, e considerações como o comércio mediterrâneo, de Pirenne, entram em jogo — mas o fazem concreta e

especificamente como elementos que fomentam a produção de mercadorias (i.e., produção para o mercado) *no interior do pequeno modo*, e portanto reforçam o processo interno de diferenciação social. Parece-me também que, possivelmente, a disponibilidade de terras, que num estágio inicial poderia facilitar a revolta dos produtores, serviria mais tarde para inibir o desenvolvimento de relações burguesas, pois representaria para os camponeses empobrecidos e/ou sem terras maiores oportunidades para emigrar para outra parte. (Não é verdade que os migrantes e "mendigos" ingleses do século XVI às vezes acabavam como "posseiros" em algum outro ponto do país onde lotes de terra eram mais prontamente disponíveis?).

Ao contrário, uma alta concentração populacional acentuaria a pressão no sentido de levar os pobres e os sem terra a achar emprego assalariado, tornando, pois, mais abundante (e barato) o trabalho assalariado para o empresário-capitalista *parvenu*.

Não pretendo que esta seja uma lista completa das explicações que devemos procurar como resposta para nossos problemas. São mencionadas apenas como indicativas do *tipo* de explicação decorrente do tipo de enfoque por mim esboçado. Todavia, a menos que consigamos um quadro nítido da *maneira* pela qual se processou a dissolução e transição feudais (mesmo que ele seja modificado ou aperfeiçoado à medida que absorvamos ou descobramos novos fatos), não creio que avançaremos no sentido de obter respostas claras e adequadas para questões como aquelas suscitadas por Eric Hobsbawm.